Anais do Congresso Brasileiro de Iniciação Científica
(https://periodicos.unisanta.br/COB)

ISSN 2317-1316

A EXPANSÃO DAS EXPORTAÇÕES DE SOJA PELO PORTO DE SANTOS: UMA ANÁLISE DA INSERÇÃO BRASILEIRA NO COMÉRCIO INTERNACIONAL ENTRE 2015 E 2025

THE EXPANSION OF SOYBEAN EXPORTS THROUGH THE PORT OF SANTOS: AN ANALYSIS OF BRAZIL'S INTEGRATION INTO INTERNATIONAL TRADE BETWEEN 2015 AND 2025

Alessandro Donizete de Oliveira Júnior, Anna Beatriz Serrat Mees, Beatriz Sabino da Silva, Maria Eduarda Dourado Scartezini, Luiz André Evangelista

Universidade Santa Cecília, Curso de Relações Internacionais
E-mail para contato: eudonizetejunior@gmail.com

RESUMO – O artigo analisa a expansão das exportações de soja pelo Porto de Santos entre 2015 e 2025 e o que ela revela sobre a inserção do Brasil no comércio internacional. A pesquisa é descritiva e explicativa, de abordagem quali-quantitativa, baseada em levantamento bibliográfico e documental, com dados da Secex/MDIC, Conab, IBGE, Autoridade Portuária de Santos, Abiove e Anec. O complexo soja embarcado em Santos passou de 17,8 para 44,9 milhões de toneladas, e as exportações brasileiras do grão quase dobraram, com a China absorvendo cerca de 80% do volume. Conclui-se que o porto consolidou sua centralidade logística, mas que a expansão aprofunda uma inserção primário-exportadora concentrada em um único comprador, ampliando a vulnerabilidade externa do país.

Palavras-chave: Soja; Porto de Santos; Comércio internacional; China; Inserção internacional.

ABSTRACT – This paper analyzes the expansion of soybean exports through the Port of Santos between 2015 and 2025 and what it reveals about Brazil's integration into international trade. The research is descriptive and explanatory, with a qualitative and quantitative approach, based on bibliographic and documentary data from Secex/MDIC, Conab, IBGE, the Santos Port Authority, Abiove and Anec. Soybean complex shipments in Santos rose from 17.8 to 44.9 million tonnes, and Brazilian soybean exports nearly doubled, with China taking about 80% of the volume. The port consolidated its logistical centrality, but the expansion deepens a primary-commodity export pattern concentrated on a single buyer, increasing the country's external vulnerability.

Keywords: Soybean; Port of Santos; International trade; China; International integration.

ISSN 2317-1316

1 INTRODUÇÃO

Poucas mercadorias contam tão bem a história recente da inserção internacional do Brasil quanto a soja. Em 2025, o país exportou pouco mais de 108 milhões de toneladas do grão, o maior volume de sua série histórica e praticamente o dobro dos 54,3 milhões de toneladas embarcados em 2015 (Agrolink, 2026; Canal Rural, 2016a). No mesmo intervalo, o Porto de Santos, maior complexo portuário da América Latina, viu a movimentação do complexo soja, que reúne grão e farelo, saltar de 17,8 para 44,9 milhões de toneladas, tornando-se o produto mais exportado pelo porto (Setcesp, 2016; InfoMoney, 2026; Diário do Comércio, 2026). Esses números, sozinhos, já despertariam interesse. O que os torna relevantes para o campo das Relações Internacionais, porém, é aquilo que eles dizem sobre o lugar que o Brasil ocupa na economia mundial e sobre as relações de interdependência que o país construiu na última década, sobretudo com a China.

A literatura tem abordado o tema a partir de ângulos distintos: a formação, desde o início dos anos 2000, de um complexo soja-carne Brasil-China (Escher e Wilkinson, 2019), a reconfiguração da geografia política do complexo mundial da soja, antes controlado por corporações sediadas nos Estados Unidos (Oliveira e Schneider, 2016), e os riscos de uma especialização regressiva em bens primários (Cano, 2012; Bresser-Pereira, 2008). No plano logístico, os levantamentos da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) vêm registrando o avanço dos portos do chamado Arco Norte no escoamento de grãos, o que coloca em discussão o papel futuro dos corredores do Sul e do Sudeste (Notícias Agrícolas, 2025).

Apesar dessa produção, são menos frequentes os trabalhos que articulam, em um mesmo recorte, a dimensão portuária, isto é, o que efetivamente ocorre em Santos, e a dimensão política e estratégica da inserção internacional brasileira. É nessa lacuna que este estudo se situa. O problema que orienta a pesquisa pode ser assim formulado: em que medida a expansão das exportações de soja pelo Porto de Santos entre 2015 e 2025 expressa uma inserção mais vantajosa do Brasil no comércio internacional ou, ao contrário, reforça um padrão de especialização primária e de dependência de um único mercado comprador? A hipótese adotada é a de que os dois movimentos convivem. O porto e o país ganharam escala e protagonismo, mas o fizeram por meio de uma pauta pouco diversificada e de uma concentração de destino

ISSN 2317-1316

que amplia a exposição a choques externos, como as sucessivas disputas comerciais entre Estados Unidos e China.

O objetivo geral é analisar a evolução das exportações de soja pelo Porto de Santos entre 2015 e 2025 e interpretá-la à luz das teorias do comércio internacional e da economia política internacional. De forma específica, pretende-se dimensionar o crescimento das exportações brasileiras do grão e a participação da China como destino, caracterizar o desempenho de Santos diante da concorrência dos portos do Arco Norte e discutir os efeitos dessa trajetória sobre a autonomia e a vulnerabilidade externa do país.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O ponto de partida clássico para compreender a especialização exportadora de um país é a teoria das vantagens comparativas de David Ricardo, segundo a qual as nações ganham ao concentrar-se na produção dos bens em que são relativamente mais eficientes e ao trocá-los pelos demais (Ricardo, 1982). Sob essa ótica, a combinação de terra disponível, clima favorável e ganhos de produtividade no campo explicaria a posição brasileira como maior produtor e exportador mundial de soja, responsável, segundo estimativas do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), por cerca de 40% da produção global na safra 2024/25 (Forbes Brasil, 2025). A abordagem ricardiana, contudo, pouco diz sobre a distribuição dos ganhos do comércio entre os parceiros e sobre os efeitos dessa especialização no longo prazo.

É justamente essa lacuna que o pensamento cepalino procurou preencher. Prebisch (1949) argumentou que a divisão internacional do trabalho entre um centro industrializado e uma periferia exportadora de produtos primários tende a transferir para o centro a maior parte dos frutos do progresso técnico, em razão da deterioração dos termos de troca dos bens primários. Ainda que o debate sobre a validade empírica dessa tese seja extenso, a intuição central permanece útil para analisar economias cujas receitas externas dependem de preços fixados em mercados internacionais altamente voláteis, como é o caso da soja.

No campo da economia política brasileira, o tema foi retomado sob a forma da discussão sobre desindustrialização e reprimarização da pauta exportadora. Cano (2012) sustenta que o país atravessa uma desindustrialização precoce e nociva, associada a juros elevados, câmbio

ISSN 2317-1316

sobrevalorizado e abertura comercial sem política industrial correspondente. Bresser-Pereira (2008), por sua vez, formula a noção de doença holandesa como uma falha de mercado decorrente da existência de rendas ricardianas na exploração de recursos naturais abundantes, que mantêm a taxa de câmbio em patamar incompatível com a competitividade de setores manufatureiros tecnologicamente mais sofisticados. Delgado (2012) acrescenta que o avanço do agronegócio exportador no Brasil não é apenas um fenômeno de mercado, mas resulta de um pacto de economia política que envolve o Estado, o capital financeiro e as grandes cadeias agroindustriais.

Para a disciplina de Relações Internacionais, contudo, o comércio não é apenas uma troca de mercadorias, mas também uma relação de poder. Hirschman (1945) demonstrou que a concentração do comércio exterior de um país em um único parceiro de grande porte gera uma assimetria que pode ser convertida em influência política, porque o custo de interromper a relação é muito maior para a parte mais dependente. Keohane e Nye (1977) refinaram essa percepção ao distinguir a sensibilidade, entendida como a intensidade com que um país é afetado por mudanças externas, da vulnerabilidade, que corresponde à sua capacidade de ajustar-se a essas mudanças e ao custo desse ajuste. A interdependência, nesse sentido, raramente é simétrica, e é dessa assimetria que emerge o poder.

Por fim, a literatura sobre regimes alimentares oferece uma lente mais próxima do objeto deste estudo. Escher e Wilkinson (2019) interpretam a relação Brasil-China na soja como um complexo articulado por interesses de corporações do agronegócio e por Estados nacionais, no qual o Brasil se especializa no fornecimento de grão e a China internaliza o processamento e a produção de carnes. Oliveira e Schneider (2016) destacam que a capacidade de controlar o processamento e de deslocar a soja entre usos alimentares, rações e combustíveis é decisiva para definir quem captura valor na cadeia. Essas contribuições permitem tratar as exportações pelo Porto de Santos não como dado puramente logístico, mas como expressão concreta de uma forma específica de inserção internacional.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de pesquisa descritiva e explicativa, de abordagem quali-quantitativa, desenvolvida por meio de levantamento bibliográfico e documental. O recorte temporal

ISSN 2317-1316

compreende os anos de 2015 a 2025, período que se inicia com um ciclo de recordes de produção e exportação, atravessa a guerra comercial entre Estados Unidos e China iniciada em 2018 e se encerra com uma nova escalada tarifária entre essas potências em 2025.

Os dados quantitativos foram obtidos em fontes oficiais e setoriais, a saber: a Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Secex/MDIC), o Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA), o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Conab, a Autoridade Portuária de Santos (APS), antiga Companhia Docas do Estado de São Paulo (Codesp), a Associação Brasileira das Indústrias de Óleos Vegetais (Abiove) e a Associação Nacional dos Exportadores de Cereais (Anec). Quando o dado primário não estava disponível em publicação própria da instituição, recorreu-se à sua divulgação em veículos especializados, com indicação expressa da fonte original. O referencial teórico foi construído a partir de obras clássicas de comércio internacional e de economia política internacional e de artigos publicados em periódicos científicos nacionais e estrangeiros.

A análise empregou indicadores simples e replicáveis: a variação percentual dos volumes exportados entre o início e o fim do período, a participação da China no destino das exportações, a participação do complexo soja na movimentação total do Porto de Santos e o preço médio implícito da tonelada exportada, obtido pela razão entre valor e volume. Registra-se, como limitação metodológica, que as séries não são perfeitamente homogêneas: a Secex trabalha com registros de exportação, a Anec com a programação de embarque dos navios e a APS com a movimentação física do complexo soja, que inclui o farelo. Por essa razão, os números foram comparados com cautela, privilegiando-se as tendências e as ordens de grandeza em lugar de diferenças pontuais. Volume e valor da Tabela 1 seguem sempre a Secex.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 A EXPANSÃO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE SOJA

A Tabela 1 sintetiza a trajetória das exportações brasileiras de soja em grão em anos selecionados do período. Em 2015, o país embarcou 54,3 milhões de toneladas, que geraram receita de aproximadamente US$ 20,98 bilhões (Canal Rural, 2016a). Em 2025, as exportações

ISSN 2317-1316

alcançaram 108,2 milhões de toneladas segundo a Secex, superando as projeções da própria Conab para o ano (Agrolink, 2026). O crescimento do volume no decênio foi, portanto, de 99,3%.

Tabela 1: Exportações brasileiras de soja em grão em anos selecionados (2015-2025)

Ano	Volume (milhões de t)	Valor (US$ bilhões)	Participação da China (%)
2015	54,3	20,98	≈ 75
2018	83,8	≈ 33	≈ 82
2023	101,9	53,2	≈ 75
2025	108,2	43,5	78,9

Fonte: elaborada pelos autores com base na Secex/MDIC (Canal Rural, 2016a; Macauhub, 2019; Suno, 2019; Compre Rural, 2024; Brasilagro, 2026); participação da China em 2015 segundo Canal Rural (2026) e em 2023 segundo a Anec.

Dois episódios ajudam a explicar os saltos observados na série. O primeiro ocorreu em 2018, quando a imposição de tarifas chinesas sobre a soja norte-americana, no contexto da guerra comercial entre as duas potências, levou os importadores chineses a substituir o produto dos Estados Unidos pelo brasileiro. As exportações brasileiras atingiram então 83,8 milhões de toneladas, alta de 23,1% sobre 2017, e cerca de 82% do volume embarcado até novembro daquele ano seguiu para a China (Macauhub, 2019). O segundo episódio se deu em 2025, quando uma nova rodada de tensões tarifárias manteve a demanda chinesa voltada ao Brasil. Segundo a Anec, a participação chinesa nas exportações brasileiras de soja atingiu média de 79,9% em 2025 até outubro, acima da média de 74% registrada entre 2021 e 2024 (Money Times, 2025), e o país asiático absorveu cerca de 87,1 milhões de toneladas no ano (AgFeed, 2026).

Entre esses dois momentos, a trajetória não foi linear. Depois do recorde de 2023, a quebra da safra 2023/24 por problemas climáticos reduziu os embarques de 2024 para 97,3 milhões de toneladas, segundo a Anec (Money Times, 2025). A recuperação de 2025 foi sustentada pela safra 2024/25, estimada pelo USDA em 171,5 milhões de toneladas, contra 97,5 milhões produzidos em 2015 segundo o IBGE (Forbes Brasil, 2025; Canal Rural, 2016b). A produção cresceu cerca de 76%, menos que as exportações, e a parcela exportada da colheita subiu de 56% para 63%; ainda assim, o volume que permaneceu no país também aumentou, o que sugere que a expansão externa se apoiou em novas áreas e em ganhos de produtividade, e não na redução do consumo doméstico.

ISSN 2317-1316

O dado mais revelador da Tabela 1, entretanto, está na coluna de valor. Em 2025, o Brasil exportou cerca de 6 milhões de toneladas a mais do que em 2023, mas obteve aproximadamente US$ 9,7 bilhões a menos. O preço médio implícito, calculado pela razão entre receita e volume, recuou de pouco mais de US$ 520 por tonelada em 2023 para cerca de US$ 400 em 2025, patamar nominal próximo ao de 2015, de aproximadamente US$ 386. Uma década de crescimento físico expressivo não se converteu, assim, em ganho proporcional de receita por unidade exportada, o que, embora o preço de um único produto não equivalha aos termos de troca, dialoga com a advertência de Prebisch (1949) sobre a fragilidade das receitas obtidas com bens primários.

4.2 O PORTO DE SANTOS NO ESCOAMENTO DA SOJA

O desempenho de Santos acompanhou e, em termos relativos, superou o desempenho nacional. A Tabela 2 compara os dois extremos do período. A movimentação total do porto passou de 119,9 milhões de toneladas em 2015 para 186,4 milhões em 2025, novo recorde histórico, alta de 55,5% (Setcesp, 2016; InfoMoney, 2026). O complexo soja, por sua vez, cresceu 152,2%, passando de 17,8 para 44,9 milhões de toneladas, com expansão de 18,9% apenas entre 2024 e 2025.

Tabela 2: Indicadores do Porto de Santos em 2015 e 2025

Indicador	**2015**	**2025**	**Variação**
Movimentação total (milhões de t)	119,9	186,4	+55,5%
Complexo soja (milhões de t)	17,8	44,9	+152,2%
Participação do complexo soja na movimentação do porto (%)	14,8	24,1	+9,3 p.p.
Participação na corrente de comércio brasileira (%)	27,3	29,6	+2,3 p.p.

Fonte: elaborada pelos autores com base em dados da Codesp/APS (Setcesp, 2016; InfoMoney, 2026).

Esses números mostram que a soja deixou de ser apenas uma das cargas relevantes de Santos para se tornar o seu principal produto de exportação: em 2025, os 44,9 milhões de toneladas do complexo superaram com folga o açúcar (24,1 milhões), o milho (15,2 milhões) e a celulose (9,8 milhões) (Diário do Comércio, 2026). Em 2015, o complexo soja representava menos de um sexto de tudo o que o porto movimentava; em 2025, aproximava-se de um quarto.

ISSN 2317-1316

Em 2015, considerando o total exportado pelo país, o porto respondia por cerca de 25% do complexo soja nacional, que somou 70,7 milhões de toneladas (Canal Rural, 2016a). Em 2025, somando-se o grão registrado pela Secex às projeções da Abiove para farelo e óleo, o complexo nacional chegaria a cerca de 133 milhões de toneladas, e a fatia santista, a cerca de 34% (Brasilagro, 2026; Agrolink, 2025), estimativa dos autores dada a diferença entre as fontes.

A centralidade de Santos se explica, em boa medida, por sua ligação histórica com o Centro-Oeste. Ainda em 2017, a então Codesp indicava que cerca de 70% da soja escoada pelo porto tinha origem nessa região (Setcesp, 2017). Essa relação, contudo, passou a ser disputada. Dados da Conab indicam que a participação dos portos do Arco Norte nas exportações brasileiras de soja subiu de 31,7% em 2020 para 34,8% em 2024, num processo que a própria companhia descreveu como desconcentração do escoamento, antes muito dependente do Sul e do Sudeste (Notícias Agrícolas, 2025). Em 2010, esses portos respondiam por apenas cerca de 8% das exportações de soja e milho (Acionista, 2024a). Em 2023, o Arco Norte chegou a escoar 33,8% da soja exportada, ao passo que Santos respondeu por 30%, abaixo dos 32,7% do ano anterior (Acionista, 2024b).

A leitura desses dados exige cuidado. A perda de participação relativa de Santos não se confunde com declínio estrutural. Em 2024, ano de quebra de safra, os embarques de soja em grão pelo porto recuaram de 30,56 para 27,96 milhões de toneladas, mesmo com o recebimento de cargas que seguiriam para Barcarena, limitada pela seca na região Norte (Notícias Agrícolas, 2025); em 2025, porém, o complexo soja santista cresceu 18,9% (InfoMoney, 2026). O que se observa é antes uma divisão funcional do território exportador, em que os portos do Norte captam a produção do norte de Mato Grosso e do Matopiba, mais próxima de seus terminais, e Santos preserva sua bacia logística tradicional, apoiada no modal ferroviário e em infraestrutura portuária mais densa, além de funcionar como alternativa em momentos de crise. Para o país, corredores alternativos reduzem o custo logístico e a exposição a gargalos; para Santos, impõem investimentos contínuos em capacidade e eficiência.

ISSN 2317-1316

4.3 INSERÇÃO INTERNACIONAL: ENTRE O PROTAGONISMO E A VULNERABILIDADE

Do ponto de vista das Relações Internacionais, o aspecto mais significativo do período é a combinação entre o crescimento do volume exportado e a concentração do destino. Ao longo da década, a China manteve-se como compradora de três quartos a quatro quintos da soja brasileira, chegando a cerca de 80% em 2025 (AgFeed, 2026). À luz de Hirschman (1945), essa concentração cria uma assimetria evidente: a China dispõe de outros fornecedores relevantes, como os Estados Unidos, ao passo que o Brasil não encontraria, no curto prazo, mercado capaz de absorver volume semelhante. Nos termos de Keohane e Nye (1977), o Brasil apresenta alta sensibilidade e, potencialmente, alta vulnerabilidade às decisões de compra chinesas.

A interdependência, no entanto, não é de mão única. A China também depende da soja brasileira para sustentar sua cadeia de rações e proteína animal, e os episódios de 2018 e de 2025 mostraram que, quando o fornecimento norte-americano é interrompido por razões políticas, o Brasil se torna peça indispensável da segurança alimentar chinesa. Isso confere ao país algum poder de barganha, ainda que circunstancial. O caráter circunstancial dessa posição ficou claro no fim de 2025: após a negociação de um acordo entre Pequim e Washington que previa a compra de cerca de 12 milhões de toneladas de soja norte-americana naquela temporada e de aproximadamente 25 milhões de toneladas anuais nas três temporadas seguintes, a Anec passou a projetar para 2026 vendas de ao menos 77 milhões de toneladas à China, cerca de 10 milhões a menos que em 2025, e a alertar para possível pressão sobre os prêmios de exportação no Brasil (AgFeed, 2026). Em outras palavras, uma parte relevante do recorde brasileiro foi produzida por uma disputa entre terceiros, sobre a qual o Brasil não exerce controle.

Há ainda a questão da composição da pauta. As exportações brasileiras de soja concentram-se no grão, e não no farelo ou no óleo, o que transfere para o país importador o processamento e o valor agregado correspondente (Escher e Wilkinson, 2019). Esse padrão é reforçado por fatores institucionais internos, como a desoneração do ICMS sobre exportações de produtos primários e semielaborados instituída pela Lei Complementar nº 87, de 1996, conhecida como Lei Kandir (Brasil, 1996), que, ao isentar a exportação do grão *in natura*, deixou de oferecer estímulo tributário específico ao seu processamento no país, e externos,

ISSN 2317-1316

como a estratégia chinesa de importar o grão para processá-lo internamente. O resultado é coerente com o diagnóstico de reprimarização formulado por Cano (2012) e com o mecanismo descrito por Bresser-Pereira (2008), já que a abundância de divisas proporcionada pelas *commodities* tende a pressionar o câmbio e a dificultar a diversificação produtiva.

Seria equivocado, porém, reduzir a expansão a um processo puramente negativo. O complexo soja tornou-se o principal gerador de divisas do agronegócio brasileiro, com cerca de um terço das exportações do setor em 2025 (Forbes Brasil, 2025), sustentou saldos comerciais elevados e reforçou a pressão por investimentos em infraestrutura portuária e de acesso, da qual Santos é o exemplo mais visível. O Brasil passou, ainda, a ocupar posição central na segurança alimentar global, o que amplia sua relevância em negociações internacionais, como as que envolvem o acordo entre o Mercosul e a União Europeia, apontado pela Anec como fator positivo para 2026 (AgFeed, 2026). A questão central, portanto, não é se a soja é boa ou ruim para o país, mas como converter a escala conquistada em autonomia, por meio da diversificação de mercados, da agregação de valor e de uma política externa capaz de transformar a interdependência em instrumento de barganha, e não em fonte de vulnerabilidade.

ISSN 2317-1316

5 CONCLUSÃO

A análise permitiu confirmar a hipótese de que a expansão das exportações de soja pelo Porto de Santos entre 2015 e 2025 combina ganhos de escala e protagonismo com o aprofundamento de uma inserção internacional concentrada e vulnerável. As exportações brasileiras do grão quase dobraram, alcançando 108,2 milhões de toneladas em 2025, e o complexo soja movimentado em Santos cresceu 152,2%, tornando-se o principal produto exportado pelo porto, que preservou sua centralidade mesmo diante do avanço do Arco Norte. Ao mesmo tempo, cerca de 80% do volume exportado seguiu para um único comprador, a receita por tonelada retornou, em valores correntes, a patamares próximos aos de uma década antes e parte relevante dos recordes resultou de disputas comerciais entre Estados Unidos e China, sobre as quais o Brasil não tem controle. Conclui-se que o desafio brasileiro não reside em produzir ou escoar mais, mas em converter essa posição em autonomia estratégica, diversificando destinos, agregando valor à pauta e utilizando a interdependência como recurso de negociação. Como desdobramento, sugere-se a realização de estudos que examinem os efeitos do acordo comercial sino-americano de 2025 sobre os fluxos de 2026 e que comparem, com séries homogêneas, a evolução da participação de cada corredor portuário nas exportações do complexo soja.

6 AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao Prof. André Evangelista pela orientação.

7 DECLARAÇÃO DE USO DE IA

Declaração de Uso de IA: Durante a elaboração deste trabalho, utilizou-se a ferramenta Claude Opus 5.5, da Anthropic, nas etapas de levantamento preliminar de dados, organização da estrutura do artigo e recálculo de indicadores, com a finalidade de apoio à pesquisa bibliográfica e documental e à escrita. Os dados e as referências foram verificados pelos autores nas fontes citadas, e o conteúdo foi revisado, editado e validado pelos autores, que assumem total responsabilidade pelo texto final.

ISSN 2317-1316

8 REFERÊNCIAS

Acionista. Arco Norte é principal eixo de escoamento para exportações do Matopiba, aponta Conab. Acionista. 2024a. Acesso em: 04 out 2026.

Acionista. Boletim logístico aponta aumento na exportação de soja pelos portos do Arco Norte. Acionista. 2024b. Acesso em: 04 out 2026.

AgFeed. Brasil fecha 2025 com recorde na exportação de soja, mas Anec já projeta desafios para 2026. AgFeed. 2026. Acesso em: 02 out 2026.

Agrolink. Exportações de soja crescem 2,3% em 2025, aponta Abiove. Agrolink. 2025. Acesso em: 06 out 2026.

Agrolink. Soja 2025/26: início da colheita confirma otimismo, mas vendas seguem lentas. Agrolink. 2026. Acesso em: 04 out 2026.

Brasil. Lei Complementar nº 87, de 13 de setembro de 1996. Dispõe sobre o imposto dos Estados e do Distrito Federal sobre operações relativas à circulação de mercadorias e sobre prestações de serviços de transporte interestadual e intermunicipal e de comunicação, e dá outras providências. Diário Oficial da União. 1996. Acesso em: 02 out 2026.

Brasilagro. Agro volta a exportar mais, e receita vai a US$ 169,5 bi em 2025. Brasilagro (reproduzido de Folha de S.Paulo). 2026. Acesso em: 06 out 2026.

Bresser-Pereira LC. The Dutch disease and its neutralization: a Ricardian approach. Revista de Economia Política. 2008;28(1):47-71. Acesso em: 04 out 2026.

Canal Rural. Exportações do complexo soja crescem 16,7% em 2015. Canal Rural. 2016a. Acesso em: 04 out 2026.

Canal Rural. Produção de soja e milho bate recorde em 2015. Canal Rural. 2016b. Acesso em: 04 out 2026.

Canal Rural. China amplia participação nas exportações de soja do Brasil. Canal Rural. 2026. Acesso em: 06 out 2026.

Cano W. A desindustrialização no Brasil. Economia e Sociedade. 2012;21(n. esp.):831-851. Acesso em: 04 out 2026.

Compre Rural. Soja bate recorde absoluto com mais de 100 milhões de t embarcadas em 2023. Compre Rural. 2024. Acesso em: 06 out 2026.

Delgado GC. Do capital financeiro na agricultura à economia do agronegócio: mudanças cíclicas em meio século (1965-2012). Porto Alegre: Editora da UFRGS; 2012.

Diário do Comércio. Porto de Santos registrou em 2025 maior movimentação de sua história. Diário do Comércio (Agência Brasil). 2026. Acesso em: 06 out 2026.

Escher F, Wilkinson J. A economia política do complexo soja-carne Brasil-China. Revista de Economia e Sociologia Rural. 2019;57(4):656-678. Acesso em: 04 out 2026.

Forbes Brasil. 2025, o ano da soja brasileira com recorde e novos mercados além da China. Forbes Brasil. 2025. Acesso em: 02 out 2026.

ISSN 2317-1316

Hirschman AO. National power and the structure of foreign trade. Berkeley: University of California Press; 1945.

InfoMoney. Porto de Santos bate novo recorde de movimentação de cargas em 2025. InfoMoney. 2026. Acesso em: 04 out 2026.

Keohane RO, Nye JS. Power and interdependence: world politics in transition. Boston: Little, Brown; 1977.

Macauhub. More demand from China increases soy exports from Brazil. Macauhub. 2019. Acesso em: 04 out 2026.

Money Times. Exportação de soja do Brasil bate recorde anual já em outubro com demanda chinesa, diz Anec. Money Times. 2025. Acesso em: 04 out 2026.

Notícias Agrícolas. Porto de Itaqui exportou mais soja em 2024 apesar da quebra de safra, aponta Conab. Notícias Agrícolas. 2025. Acesso em: 04 out 2026.

Oliveira GLT, Schneider M. The politics of flexing soybeans: China, Brazil and global agroindustrial restructuring. Journal of Peasant Studies. 2016;43(1):167-194. Acesso em: 04 out 2026.

Prebisch R. O desenvolvimento econômico da América Latina e seus principais problemas. Revista Brasileira de Economia. 1949;3(3):47-111. Acesso em: 04 out 2026.

Ricardo D. Princípios de economia política e tributação. São Paulo: Abril Cultural; 1982.

Setcesp. Porto de Santos: movimentação de cargas cresce 8% em 2015. Setcesp. 2016. Acesso em: 04 out 2026.

Setcesp. Porto de Santos deve movimentar volume recorde de cargas em 2017. Setcesp. 2017. Acesso em: 04 out 2026.

Suno. Soja supera expectativas de arrecadação do mercado em 2018. Suno Notícias. 2019. Acesso em: 06 out 2026.